

## Joaquim Inojosa e o jornal *Meio-Dia* (1939-1942)

JOÃO ARTHUR CICILIATO FRANZOLIN\*

Em 1930, quando Getúlio Vargas chegou ao poder, estava a imprensa brasileira em franco processo de expansão (BAHIA, 1967: 63). Não apenas boa parte dos jornais passaram a contar com serviço telegráfico efetivo de agências internacionais, como *Havas* e *United Press*, como também se valiam de novas técnicas de impressão, via a aquisição das linotipos e de outras novidades no campo da impressão, e do estabelecimento de departamentos de publicidade, o que contribuiu, de forma decisiva, para a consolidação das empresas jornalísticas.

Nas décadas de 1930 e 1940, os maiores jornais do país concentravam-se, sobretudo, no Rio de Janeiro, então capital federal, e dominavam o mercado nacional, com amplas tiragens. Destacavam-se o *Correio da Manhã*, talvez o maior matutino do período (ANDRADE, 1991); *O Jornal*, vespertino “órgão líder” dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand; o *Diário de Notícias*, fundado em 1930 por Orlando Ribeiro Dantas, além de outros títulos não menos importantes como o *Jornal do Brasil*, *Diário Carioca* e *O Globo* (SODRÉ, 1999) (RIBEIRO, 2000). Existiam dois tipos de periódicos, matutinos e vespertinos: os primeiros circulavam logo no começo do dia, possuíam diagramação e linha editorial sólidas e não tinham edições às segundas-feiras. Já o segundo grupo saía por volta das 11 horas da manhã, eram mais fluidos em relação ao seu conteúdo e não apareciam aos domingos. Um vespertino também poderia ter várias edições no decorrer de um mesmo dia, de acordo com sua vendagem, e eram, em geral, considerados mais populares.

Em São Paulo, outro centro importante do país, circulava o poderoso *O Estado de S. Paulo*, propriedade de Júlio de Mesquita Filho (CAPELATO; PRADO, 1980), bem como o *Diário de S. Paulo*, outro jornal incorporado à cadeia dos Diários Associados, além da *Folha da Noite* e *Folha da Manhã*, esta última surgida em 1925 (DUARTE, 1972: 31-32).

Não se pode esquecer, todavia, que esse panorama foi severamente influenciado pelos acontecimentos políticos do Brasil nas décadas de 1930 e 1940. O Estado Novo,

---

\* Mestrando em História pela UNESP/Faculdade de Ciências e Letras de Assis, orientado pela Profa. Dra. Tânia Regina de Luca. Agência financiadora: FAPESP – Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo.

governo autoritário capitaneado por Getúlio Vargas, foi instaurado em novembro de 1937. O golpe desfechado no dia 10 daquele mês foi alardeado como reação à descoberta do chamado “Plano Cohen”, uma suposta revolução para implantar o comunismo no Brasil. Como se descobriu mais tarde, o plano fora arquitetado por um capitão integralista, Olímpio Mourão Filho, que teria participação importante no golpe de 1964, desencadeando o processo que levaria à instauração do regime militar. Em 1937, seu plano serviu como uma luva para os propósitos varguistas de por fim à disputa pela Presidência da República, endurecer definitivamente o regime que, desde a Intentona Comunista de 1935, tornava-se cada vez mais autoritário e centralizador (CARONE, 1976). A instauração de uma ditadura levou o governo a agir de forma mais rígida e controladora em relação à imprensa, e para tanto foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em dezembro de 1939. As funções do DIP eram muito abrangentes, contando com as seguintes divisões: Divisão de Divulgação, Divisão de Radiodifusão, Divisão de Cinema e Teatro, Divisão de Turismo, Divisão de Imprensa e Serviços Auxiliares (ABREU et. al., 2001: 1830-1833).

A divisão de Imprensa do DIP contava ainda com o Conselho Nacional de Imprensa, formado por seis membros: três deles nomeados por Vargas, e outros três escolhidos em assembléias realizadas pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI), pelo Sindicato dos Proprietários de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro e ainda pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro. A direção, porém, cabia ao diretor do DIP – no caso, Lourival Fontes (GOULART, 1990: 66).

Vê-se assim que a relação do DIP e do governo com os jornais não se pautou apenas pela censura pura e simples, mas foi muito mais abrangente. Algumas vezes não se hesitou em usar a força, como atesta a desapropriação do matutino *O Estado de S. Paulo* e do diário *A Noite*, no Rio de Janeiro. Todavia, essas ações constituíram-se em situações extremas, e não eram de forma alguma rotineiras. Muito mais comum era a facilitação de verbas, empréstimos, concessão de publicidade estatal e favores de outras ordens a jornais que apoiassem a ditadura estadonovista, como bem exemplifica a questão das cotas de papel. Como o Brasil não tinha indústrias produtoras de papel-jornal, era preciso importar grandes quantidades (MORAIS, 1994: 427),<sup>1</sup> o que era feito

---

<sup>1</sup> Fernando Morais afirmou que a maior parte do papel consumido pelo Brasil vinha da Finlândia, a qual após a Guerra de Inverno com a Rússia, passou a restringir suas exportações. A alternativa escolhida foi importar papel do Canadá, cuja produção era insuficiente, o que desencadeou uma alta nos preços.

pelo Estado. Não obstante, o jornal que apoiasse o governo receberia isenção nas taxas alfandegárias, o que facilitou muito o processo coercitivo. É necessário lembrar, ainda, que o poder do DIP não foi o mesmo de 1939 até o fim do Estado Novo. Maria Helena Capelato destacou como, a partir de 1942, o quadro político alterou-se significativamente, uma vez que a batalha no interior do círculo governista acabou sendo vencida pelos defensores dos Aliados, devido à opção brasileira pelos Estados Unidos, o que implicou em mudanças significativas, como exemplifica a saída de Lourival Fontes da direção do DIP, famoso por sua defesa pró-Eixo (CAPELATO, 1998: 135-136). Com a ascensão do Major Coelho dos Reis à direção do órgão, o controle exercido tornou-se cada vez menos estrito, isso porque a situação externa desenhava-se cada vez menos favorável ao regime que, de fato, caiu em outubro de 1945.

Em relação à Guerra, estudos recentes demonstraram que órgãos importantes da grande imprensa como o *Correio da Manhã* (FRANZOLIN, 2008) e *O Estado de S. Paulo* (COSTA, 2010), se colocaram a favor dos Aliados. Todavia, alguns periódicos de menor circulação destoaram e manifestaram apoio explícito à Alemanha nazista. Pode-se citar o *Diário de Notícias da Bahia*, analisado por José Carlos Peixoto Júnior (PEIXOTO JÚNIOR, 2003), e os cariocas *Gazeta de Notícias* (GAK, 2006) e *Meio-Dia*. Sobre este último, fonte e objeto desta pesquisa, são necessários alguns esclarecimentos importantes.

Até o momento, não foram encontrados estudos acadêmicos sobre o *Meio-Dia*, embora, como se viu, existam dissertações dedicadas ao estudo de jornais que difundiram propaganda nazista no Brasil.<sup>2</sup> Parece o periódico editado de 1939 a 1942 não despertou interesse algum na historiografia brasileira, como atesta o fato de o conhecido *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930*, coordenado por Alzira Abreu e outros e editado pelo CPDOC/FGV em 2001, não conter nenhuma referência ao periódico, fato que se repete numa obra fundamental como *História da Imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré.

---

Isso fez com que muitos periódicos, durante a guerra, tivessem que diminuir o número de páginas.

<sup>2</sup> Vale lembrar que o *Meio-Dia* é citado em uma delas, a de Igor Silva Gak sobre os jornais *Gazeta de Notícias* e *Boletim Mercantil*.

O único trabalho existente sobre o vespertino carioca é o livro de Joel Silveira e Geneton Moraes Neto, *Hitler/Stalin: O pacto maldito* (SILVEIRA; MORAES NETO, 1990). A obra é, na realidade, uma reportagem dividida em duas partes: a primeira, a respeito do pacto germano-soviético assinado em agosto de 1939, foi escrita por Joel Silveira. A segunda reportagem, feita por Geneton Moraes Neto,<sup>3</sup> trata basicamente das conseqüências da assinatura do pacto no Brasil. A análise feita pelo jornalista detém-se apenas no *Meio-Dia*, com ênfase no aspecto, que julga paradoxal, de um jornal brasileiro ter apoiado a Alemanha nazista no contexto da Segunda Guerra Mundial, ao mesmo tempo em que possuía colaboradores de esquerda.

Moraes Neto empenhou-se em traçar uma breve história do periódico, além de elencar colaboradores e apresentar mais informações a respeito do fundador do *Meio-Dia*, Joaquim Inojosa. Outros pontos destacados são o suplemento literário “Letras-Artes-Ciências”, organizado, a princípio, por Jorge Amado, bem como a relação do jornal com o Estado Novo.

Um aspecto bastante enfatizado por Moraes Neto em seu livro é o fato de que, a princípio, o jornal contou com expressiva colaboração de nomes da esquerda, como Jorge Amado e Oswald de Andrade. Para compreender tal apoio deve-se ter em vista o pacto germano-soviético e seu impacto sobre as lideranças comunistas no Brasil (e também em todo o mundo), que os colocou, momentaneamente, ao lado de simpatizantes do fascismo, caso do jornal *Meio-Dia*. Assim, até junho de 1941, quando os nazistas invadiram a União Soviética, os mesmos foram vistos pelos comunistas de todo o mundo, e mesmo dentro da própria URSS, enquanto “aliados” e “parceiros”, o que eliminava qualquer possibilidade de crítica, por parte da esquerda brasileira e mundial, então aliada da Alemanha nazista e de Hitler.

---

<sup>3</sup> No seu site oficial, o jornalista esclarece que nasceu no Recife em 13 de julho de 1956. De 1975 a 1980 trabalhou no *Diário de Pernambuco* e na sucursal nordeste de *O Estado de S. Paulo*. Depois de um breve período vivendo na França, voltou ao Brasil e começou a trabalhar na Rede Globo Nordeste. Na Rede Globo do Rio de Janeiro desde 1985, foi editor-executivo do Jornal da Globo e do Jornal Nacional, bem como correspondente da Globo News e do jornal *O Globo* em Londres. Foi, ainda, repórter e editor-chefe do programa Fantástico em duas ocasiões. Mais informações sobre o autor estão na seção “Quem é” de seu website, Disponível em: <<http://www.geneton.com.br/quem/>>. Acesso em: 31 jan. 2010. O jornalista possui um blog no portal de notícias G1. Acessar MORAES NETO, Geneton. Dossiê geral: o blog das confissões. Contatos imediatos de um repórter em busca de segredos dos anônimos e famosos. Disponível em: <<http://colunas.g1.com.br/geneton/>>. Acesso em 31 jan. 2010. Vale acrescentar ainda que o autor, atualmente, apresenta o programa Globo News Dossiê aos domingos. A página do programa está disponível em: <<http://globonews.globo.com/Jornalismo/GN/0,,JOR337-17665,00.html>>. Acesso em 31 jan. 2010.

Embora a reportagem tenha seus méritos, Moraes Neto deu pouca atenção aos artigos assinados por Joaquim Inojosa, diretor-proprietário do jornal, comentando apenas alguns deles. Já os editoriais, presentes nas páginas do periódico, nem sequer mereceram comentários do autor. Para tentar entender as mudanças e posicionamentos adotados pelo jornal durante o período em que circulou, torna-se imprescindível um exame acurado desses textos, a fim de que se possa ter um quadro amplo de como se deu, efetivamente, o aventado apoio do vespertino à Alemanha hitlerista. Dessa forma, pretende-se realizar uma análise sistemática desses escritos durante o tempo em que foi publicado o jornal.

É necessário precisar, ainda, o nível de envolvimento entre o *Meio-Dia* e a agência de notícias alemã *Transocean*. Sobre essa última, conta-se com poucas informações, a maioria fragmentada em obras diversas.<sup>4</sup> Ao que se sabe, suas notícias não ocuparam espaço digno de nota na grande imprensa brasileira, na qual figurou de forma marginal (MÜLLER, 1997: 267). A *Transocean* teve atuação em toda a América, incluindo os Estados Unidos, onde era capitaneada por Manfred Zapp e Günther Tonn, tendo finalizado suas atividades nesse país até 10 de julho de 1941.<sup>5</sup> No Brasil, entretanto, suas atividades continuaram até 30 de janeiro de 1942, quando foi definitivamente fechada (SILVEIRA; MORAES NETO, 1990: 443). Sabe-se que, a agência alemã distribuía propaganda nazista gratuitamente para todos os jornais que aceitassem o seu serviço, como foi o caso da *Gazeta de Notícias* e do *Meio-Dia*. Oficialmente, seu diretor no Brasil era José de Carvalho e Silva e o tesoureiro Johannes Geyer. Contudo, segundo Perazzo, “sabe-se que o verdadeiro diretor era Geyer, alemão, nazista e pessoa de confiança da embaixada alemã” (PERAZZO, 1999: 90). Dessa forma, vê-se que a empresa não era meramente uma distribuidora de material telegráfico para a imprensa, mas parte importante de engrenagem da máquina de propaganda nazista para as Américas.

A trajetória do jornal *Meio-Dia*, que circulou de março de 1939 a outubro de 1942, praticamente confunde-se com a biografia de seu diretor-proprietário, Joaquim

---

<sup>4</sup> O já citado estudo de Igor Silva Gak sobre a penetração da propaganda nazista no Brasil, bem como o próprio livro de Geneton Moraes Neto e Joel Silveira contém algumas informações importantes sobre a agência alemã de notícias, além ainda do livro de Priscila Perazzo, o qual foi originalmente apresentado na USP como a dissertação de mestrado da autora em 1997 (PERAZZO, 1999).

<sup>5</sup> WAR & PEACE: Propaganda Trial. *Time*, New York, 4 agosto 1941. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,884360-1,00.html>>. Acesso em 31 jan. 2010.

Inojosa.<sup>6</sup> Para a compreensão do jornal é importante ter em conta a atuação de Inojosa enquanto jornalista durante os anos de 1930 a 1945, período particularmente turbulento em termos nacional e internacional.

Com o advento da Revolução de 1930, conseguiu Inojosa, por meio de um salvo-conduto, abandonar o Nordeste e chegar ao Rio de Janeiro, onde se empregou em *O Jornal*, órgão da cadeia dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand. Em 1934, reorganizou uma indústria de tecidos em Minas Gerais, a “Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira” (SILVEIRA; MORAES NETO, 1990: 355),<sup>7</sup> que faliu em 1939. Em março do mesmo ano fundou o vespertino *Meio-Dia*, que circulou até outubro de 1942, data a partir da qual Inojosa afastou-se da imprensa, atividade que retomou apenas em 1948.

O *Meio-Dia* circulou em pleno Estado Novo e, por certo, teve que se registrar no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Para compreender a história do vespertino é necessário retroagir a outubro de 1938, quando Inojosa firmou um contrato

---

<sup>6</sup> Embora nos interesse aqui particularmente a atuação de Joaquim Inojosa como jornalista durante as décadas de 1930 e 1940, são necessárias algumas considerações gerais sobre sua vida. O escritor, advogado e jornalista nasceu em Pernambuco, no município de Timbaúba, hoje São Vicente Férrer, em 27 de março de 1901. Os primeiros estudos foram feitos em sua cidade natal bem como no Recife, onde cursou a faculdade de Direito, exercendo posteriormente a profissão de advogado e promotor público. Ligou-se aos expoentes da Semana de Arte Moderna de 1922: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, dentre outros, e ainda manteve correspondência e contato com Manuel Bandeira, Câmara Cascudo, Austregésilo de Athayde, etc, como se depreende da observação da ficha catalográfica de seu arquivo pessoal, o qual pertence, na atualidade, à Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Também em seus livros o escritor pernambucano fez sempre menção a suas epístolas, além de citá-las quando necessário. Inojosa teve papel importante na divulgação das novas propostas estéticas em Pernambuco. Escreveu o artigo “Que é futurismo”, publicado no jornal *A Tarde* de Recife, em novembro de 1922, de acordo com informação colhida no artigo “O estopim” publicado em *O Jornal* em 05 de novembro de 1972 (INOJOSA, 1975:147). Em 1924, lançou o livro *A arte moderna*, considerado um apelo para a união do Norte e Nordeste do Brasil ao movimento modernista. Ao final de sua experiência jornalística com o *Meio-Dia* se afastou da imprensa, voltando à atividade jornalística apenas em 1948, com o semanário *A Nação*, órgão de apoio ao Marechal Eurico Gaspar Dutra, então presidente da República. Em 1965 reeditou, por breve período, o *Meio-Dia*, a fim de garantir a posse da chancela e, em julho de 1968, voltou a colaborar em *O Jornal*, no *Jornal do Commercio* e, ainda, no famoso Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo* (INOJOSA, 1978). Por fim, Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa afirmaram que o maior feito polêmico e documental do modernista pernambucano “foi desbancar o falso pioneirismo literário de Gilberto Freyre no Nordeste, cujo Manifesto Regionalista, lançado em 1926, era falso, segundo Inojosa, pois só foi aparecer, de fato, em 1952, lido no I Congresso Regionalista do Nordeste. O próprio G.F. acabou por confessar a farsa”. Sobre a polêmica ver o verbete “INOJOSA, Joaquim” em (COUTINHO; SOUSA, 2001: 859-860). Depois de grande produção intelectual, Joaquim Inojosa morreu em 12 de janeiro de 1987. Em seus 85 anos de vida, publicou muitas obras, com destaque para *O movimento modernista em Pernambuco, No pomar vizinho, Os Andrades e outros aspectos do modernismo*, dentre outras.

<sup>7</sup> O nome da empresa se encontra em um trecho de um artigo publicado por Oswald de Andrade na primeira edição do *Meio-Dia*, de 1 de março de 1939.

com a Linotipo do Brasil, representante da *Mergenthaler Linotype Company*, para a compra de equipamentos de impressão para um jornal (SILVEIRA; MORAES NETO, 1990: 412). Este surgiu alguns meses depois, em 1º de março de 1939 e contou, durante sua tumultuada existência, com vários colaboradores importantes: Oswald de Andrade, que escrevia a coluna “Banho de Sol” e “De Literatura”; Jorge Amado, encarregado da página “Letras-Artes-Ciências”, além de Joel Silveira, já na época um expoente do jornalismo carioca.

Sua edição inaugural foi efusivamente saudada por várias personalidades políticas e jornalísticas da época, como o ministro da Justiça Francisco Campos, autor da carta constitucional de 1937, o diretor do DIP, Lourival Fontes, Assis Chateaubriand, dono da cadeia dos Diários Associados, Herbert Moses, então presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Pouco depois da estréia, chegou mesmo a receber uma mensagem de congratulação de Getúlio Vargas.

Segundo consta na reportagem de Geneton Moraes Neto, o jornal teve existência conturbada, pois sua orientação pró-Eixo causou-lhe inúmeros problemas e desentendimentos com o DIP e o Conselho Nacional de Imprensa, até o seu fechamento em outubro de 1942.

O vespertino circulou originalmente em três edições (surgindo às vezes uma quarta edição, chamada de extra pelo jornal), sendo que a primeira continha 16 páginas. A princípio, as edições subseqüentes aumentavam o número de páginas até o final do dia, chegando a 20 ou 24, e para tanto se utilizavam de material proveniente das agências telegráficas, bem como rearranjavam o conteúdo publicado na primeira edição a fim de ampliar o exemplar. Isso se modificou com o passar do tempo e, no início de 1940, o jornal mantinha três edições diárias (agora denominadas primeira edição, ante-final e final), com 8 páginas cada.

Em dezembro de 1939, as dimensões do periódico foram alteradas para o formato maior; o uso de caricaturas de personalidades foi um artifício utilizado unicamente em março daquele ano, e não foi detectado seu emprego novamente em 1939. No mês de dezembro passou a ocorrer maior utilização de fotos, que ilustraram todas as edições a partir de então.

O ano de 1940 trouxe, ainda, nova reorganização, com o aparecimento de editoriais não assinados e uma profusão de articulistas alemães da *Transocean*, bem

como o suplemento literário do *Meio-Dia*, chamado “Letras, Artes, Ciências”, que, a princípio, esteve sob o comando de Jorge Amado. Ao mesmo tempo, as fotos passaram a ser fornecidas pela já citada agência alemã *Transocean*. Em 1941, já não contava o jornal com Jorge Amado ou qualquer outro colaborador da esquerda ou de tendências esquerdistas, pois a invasão da União Soviética por Hitler colocou novamente nazistas e comunistas em lados opostos, o que pôs um fim ao dilema iniciado em agosto de 1939, com o pacto de não-agressão germano-soviético.

O expediente do vespertino, tal como nas suas edições, foi sempre alvo de mudanças, com inúmeros secretários de redação. Nele estampavam-se o nome do diretor-proprietário no cabeçalho (no caso, Joaquim Inojosa) juntamente com o do secretário (se houvesse) e o do gerente, cargo este ocupado por Mário da Trindade Henriques durante o período já consultado. José Mandina era o responsável pela publicidade, mas foi substituído, por um curto período, em dezembro de 1939, por Oswaldo Soares de Pinho. A partir de 1941, passaram a figurar também naquele espaço todas as sucursais do *Meio-Dia*, no Brasil e no exterior. Segundo dados presentes no próprio jornal, a sucursal do exterior localizava-se em Berlim e seu diretor era Silva Monteiro, que também exercia a função de articulista. Já as filiais brasileiras localizavam-se em São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte, Recife, Goiás e Porto Alegre.

A publicidade também apresentou significativas mudanças, aliás como todo o conteúdo do vespertino. Em março de 1939, havia anúncios da Tecelagem de Seda e de Algodão de Pernambuco S.A, que, conforme revelou a consulta aos arquivos, era propriedade do sogro de Joaquim Inojosa, João Pessoa de Queiroz; da Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira, a já citada empresa de Inojosa; Casas Pernambucanas; Antarctica; Klabin Irmãos & Cia., além da Westinghouse, a única empresa estrangeira. Tal situação transformou-se em 1940, quando os anúncios tornaram-se, predominantemente, germânicos. Alguns exemplos: Linhas Aéreas Condor; Banco Germânico da América do Sul; Banco Alemão Transatlântico; Bayer; Siemens; Merck, dentre outras. Deve-se levar em conta que a publicidade é peça importante para que se possa averiguar o grau de envolvimento do periódico com a *Transocean*.

O artigo de Joaquim Inojosa, publicado como editorial, localizava-se na primeira ou segunda página da primeira edição. Nas seguintes podia figurar na terceira ou quarta

páginas, já que os exemplares tinham sempre sua diagramação alterada no decorrer do dia. De forma mais freqüente, o texto de Joaquim Inojosa era publicado na segunda página, no canto superior esquerdo, e variava de tamanho. Sua periodicidade era irregular, passando a ser publicado diariamente apenas a partir de 1940. Os editoriais, por sua vez, surgiram na mesma época, após o final de “Registro Internacional”, e ocuparam geralmente a segunda página, embora sem lugar definido. Sua periodicidade também era inconstante, e tornaram-se correntes no vespertino apenas depois do ataque alemão à Bélgica, Holanda e Luxemburgo em maio de 1940.

Outro dado importante a ser considerado é o fato de que a orientação ideológica do *Meio-Dia* não foi sempre nazista. Em março de 1939, o jornal contava com uma linha editorial com alinhamento próximo às democracias ocidentais. Curioso notar que, nesse período, não havia extensa colaboração da *Transocean* nem tampouco possuía o periódico publicidade apenas de empresas alemãs, embora estivessem desde o princípio presentes esses dois elementos. Os dois fatores mencionados, alterados a partir de 1940, são indícios importantes da mudança de rumos que se processou. Para exemplificar a mudança na linha editorial, eis dois artigos de Joaquim Inojosa. O primeiro foi publicado em 23 de março de 1939, chamado “Princípio Democrático”, no qual se louvava a política inglesa:

*Eden, o simpático ex-secretário do Foreign Office, é uma das inteligências políticas mais expressivas da Inglaterra. A sua palavra dia a dia se reveste de mais autoridade, sobretudo no instante em que os acontecimentos confirmam certas previsões, feitas quando ocupava uma pasta no Gabinete. O ânimo frio do inglês receou, então, que o ministro precipitasse o país numa guerra. Ele apenas reagia, no momento, contra o previsto desfecho dos fatos que atualmente sacodem os nervos da Europa.*

*Eden tinha razão, se considerarmos o movimento de reação que ora se esboça entre as democracias européias. Mas os adversários apresentavam, naquela época, motivos ponderosos, dentre os quais o de se não encontrar a Inglaterra devidamente armada. E foi por isso que Chamberlain resolveu pacificar a Europa, enfrentando a tempestade com um guarda-chuva sem aspas...*

*Nada, porém, como a experiência dos fatos... Para Eden, quando no poder, apresentava-se pouco sedutora qualquer aliança da Inglaterra com os países totalitários. Hoje, a interpretarmos bem o seu último discurso, modificou-se-lhe a linguagem. Não lhe importam mais os regimes. Podem ser estes “branco, preto, cor de rosa ou vermelho”. O que interessa à velha Albion é “saber se esse governo está disposto a ligar-se a outros, caso se torne necessário defender a paz”.*

*A expressão reflete bem o sentimento da democracia inglesa. Cada povo tem o regime que merece, embora, muitas vezes, seja digno de regime diferente... Mas a Inglaterra quer saber apenas da conduta internacional dos diversos países, desprezando-lhes as formas de governo. Pensassem todos assim, traçassem os ditadores essa norma de “boa vizinhança” (porque os*

*continentes, hoje, são todos vizinhos), e talvez maior confiança mútua e certa tranqüilidade reinasse entre os povos...*

*Esse é, porém, um princípio democrático, que só encontra eco nos espíritos formados em regimes de liberdade.*

*As palavras de Eden não têm oportunidade na América, onde a “conduta internacional” é clara, tradicional e coerente; onde cada povo vive bem com o seu regime, que por sinal é todo ele cor de rosa, e não inveja nem estranha o regime do vizinho.*

*Na Europa, entanto, deveriam servir de paradigma, como remédio mais pronto à cura de certas enfermidades políticas, que ameaçam destruir civilizações milenares... (INOJOSA, 1939: 02)*

Já em 1941, quando o periódico recebia farto material da *Transocean*, Inojosa editou “Missa de 7º dia...” em 30 de abril, cujo tom era particularmente virulento em relação à Inglaterra:

*Winston Churchill proferiu palavras de desalento. Verdadeira missa de sétimo dia, o seu discurso. Frases de um vencido, que não sabe por onde recomeçar a vida. Falou em situação moral quando é essa, justamente, a que mais lhe deve pesar no ânimo.*

*Porque, prometendo vitórias ao seu povo, não lhe dá senão sucessivas derrotas, de tal ordem que passa a não merecer fé o que promete. É esse, hoje em dia, o aspecto real de sua posição na política britânica: de um chefe de governo que de tanto fracassar não tem mais autoridade para prometer.*

*Quando o homem público desce a um grau tão persistente de descrédito, ele está com a sua carreira irremediavelmente encerrada.*

*O povo inglês acha-se cansado de derrotas. Os políticos lhe ocultaram a verdadeira situação, que ele, somente agora, começa a compreender. Por isso mesmo, Churchill teve de proferir uma de suas arengas, não para justificar a “estratégica retirada” da Grécia, mas para anunciar que na África e no Atlântico é que ajustará contas com os inimigos da judiaria inglesa...*

*Entanto, devemos convir em que para a Inglaterra não está esgotada a lista de vítimas. As seculares e afiadas garras do Leão Britânico ameaçam erguer-se contra Espanha e Portugal, ou, do outro lado, contra a Turquia. O desembarque de tropas no Iraque entremostam que os ingleses querem mesmo “combater, recuando”, até os confins do seu Império...*

*Até lá, porém, irão os exércitos do “eixo” em perseguição tenaz aos seculares inimigos da humanidade. (INOJOSA, 1941: 02)*

Tais exemplos apenas ajudam a exemplificar tudo o que já foi aqui assinalado, e demonstram a importância de se delimitar a relação existente entre o jornal e propagandistas alemães. Assim sendo, torna-se imperativo estabelecer qual será o escopo da pesquisa.

A análise de periódicos exige uma metodologia específica. É importante considerar as palavras de Maria Helena Rolim Capelato e Maria Lígia Prado na introdução do livro *O Bravo Matutino*, que trata da história do jornal *O Estado de S.*

*Paulo* e que se constitui num importante exemplo do trabalho com fontes dessa natureza. Afirmam as autoras:

*A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (CAPELATO; PRADO, 1980: XIX)*

Assim, os jornais possuem um projeto político, que é apresentado diariamente aos seus leitores. Dessa forma, como afirmam as autoras, enganam-se os que acreditam que um jornal tem conteúdo e missão puramente informativos. Tanto no caso analisado pelas autoras quanto no *Meio-Dia*, existe uma tentativa de influenciar os rumos e os destinos da nação, através das idéias defendidas pelo grupo, indivíduo ou família que comandava o jornal. Com efeito, Joaquim Inojosa procurou imprimir em seu periódico sua visão de mundo.

Tais formulações inspiram-se em Jean-François Sirinelli, que tem se dedicado à análise dos intelectuais. O autor ressalta que esses se agrupam em revistas, editoras, cafés e outras formas de agregação, constituindo, nas palavras de Sartre, um “pequeno mundo estreito”. Por fim, Tânia Regina de Luca apontou em “*A Revista do Brasil (1916-1944): notas de pesquisa*” que

*[...] o conteúdo de jornais e revistas não pode ser dissociado das condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, os objetivos propostos, o público a que se destinava e as relações estabelecidas com o mercado, uma vez que tais opções colaboram para compreender outras como formato, tipo de papel, qualidade da impressão, padrão da capa/página inicial, periodicidade, perenidade, lugar ocupado pela publicidade, presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, formas de utilização e padrões estéticos. A estrutura interna, por sua vez, também é dotada de historicidade e as alterações aí observadas no decorrer do tempo resultam de complexa interação entre técnicas de impressão disponíveis, valores e necessidades sociais. Observações semelhantes aplicam-se aos anúncios, que tem sido alvo de estudos individualizados. (LUCA, 2008: 118)*

É com tal suporte teórico que se levou adiante a idéia de analisar os artigos de Joaquim Inojosa e os editoriais do *Meio-Dia*. Sobre esses últimos, são necessárias ainda algumas considerações.

Os editoriais surgiram já no final de 1939, com o fim de “Registro Internacional”, e desde o princípio foram quase sempre publicados na segunda página, aparecendo, eventualmente, na primeira. Os textos eram sempre divulgados sem nenhum tipo de assinatura, e possuíam títulos diferentes a cada edição, de acordo com o

desenrolar da guerra. Não raro eram discutidas realizações do Estado Novo, bem como era exaltada a figura do presidente Getúlio Vargas. O que diferenciava o editorial do resto do conteúdo era o fato do mesmo ser publicado em um Box, que podia aparecer em qualquer parte da segunda página, porém sempre em destaque. Em períodos nos quais os acontecimentos da guerra tomavam grandes proporções, podiam ser publicados mais dois ou até três editoriais que mantinham, no entanto, a mesma diagramação. Convém lembrar que o editorial deve “ter sempre em vista a orientação da casa, para evitar freqüentes mudanças de opinião” (RAMOS, 1970: 97). O material já analisado revelou que os editoriais coadunavam-se perfeitamente com a linha ideológica dos artigos de Joaquim Inojosa nos anos de 1940 e 41, quando o escritor pernambucano passou a apoiar as forças do Eixo no *Meio-Dia*. Para exemplificar, eis alguns trechos do editorial “Palavras de um vencedor”, publicado em 05 de maio de 1941. Nele está escrito:

*O chefe da nação alemã, Adolf Hitler, falou ontem perante o Reichstag, dando uma extensa explicação dos últimos acontecimentos bélicos que terminaram com a derrota da Iugoslávia e da Grécia, as duas últimas vítimas de Londres. Não só os homens que compõem o Reichstag alemão ouviram com a máxima atenção as palavras do Führer e sim o mundo inteiro. Ali estava falando um homem que com mão férrea e vontade inquebrantável devolveu ao seu país, humilhado em 1918, o lugar de esplendor que lhe compete no concerto das nações.*

*[...] Fechem seus olhos e tapem seus ouvidos aqueles que se negam, na sua falta de lógica, a acreditar nas palavras sensatas dum homem que se baseia em fatos e unicamente em fatos e que não obstante os inomináveis ataques diários de seus inimigos possui a grandeza de espírito de afirmar àqueles povos que foram instigados na luta contra a Alemanha que os alemães não lhes guardam ódio ou rancor.*

*Falou ontem um vencedor de batalhas travadas quer pelas armas quer por fecundo trabalho para reerguimento duma nação. Adolf Hitler mostrou-se mais uma vez um gênio criador, não um fanático, nem um político ambicioso, e sim um homem que o destino escolheu para salvar a humanidade para sempre do jugo daqueles políticos para os quais os povos apenas significam simples fatores de lucros que se condenam à miséria e mesmo ao extermínio, desde que os interesses dos capitalistas internacionais assim o determinem. (MEIO-DIA, 1941: 02)*

Assim, o jornal é fonte e objeto principal dessa pesquisa historiográfica, e por meio de suas páginas é que está sendo problematizado o apoio dado à Alemanha nazista durante o período em que circulou. Conforme foi visto até o período analisado (junho de 1941) o jornal continuou apoiando as forças do fascismo se utilizando de um artifício próprio da propaganda nazista: a idéia de que seu inimigo no momento, a Inglaterra, era uma nação governada por uma plutocracia, sistema de governo no qual o poder é

exercido pelos mais ricos. A continuação da pesquisa versará sobre a atitude tomada por Inojosa e os editorialistas frente à acontecimentos importantes da Guerra, como a ofensiva contra a Rússia e o ataque japonês à Pearl Harbor.

### **Bibliografia:**

ABREU, Alzira Alves de et. al. (Coord.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001.

ANDRADE, Jeferson Ribeiro de. **Um jornal assassinado: a última batalha do Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**. São Paulo: Martins, 1967.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em Cena**. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papyrus, 1998.

CAPELATO, Maria Helena Rolim & PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino: Imprensa e ideologia no jornal "O Estado de S. Paulo"**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CARONE, Edgard. **O Estado Novo (1937-1945)**. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1976.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: Entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1990. (Coleção Memória e Sociedade).

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. **Enciclopédia de Literatura Brasileira**. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL, Academia Brasileira de Letras, 2001. 2v.

DUARTE, Paulo. **História da Imprensa em São Paulo**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/USP, 1972.

GAK, Igor Silva. **Os fins e seus meios: diplomacia e propaganda nazista no Brasil (1938-1942)**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, UFF, Niterói, 2006.

GOULART, Silvana. **Sob a verdade oficial: Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

INOJOSA, Joaquim. **60 Anos de Jornalismo (1917-1977)**. Rio de Janeiro: Meio-Dia, 1978.

KERSHAW, Ian. **Hitler 1889-1936 Hubris**. New York: W. W. Norton, 1999.

\_\_\_\_\_. **Hitler 1936-1945 Nemesis**. New York: W.W. Norton, 2001.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. “A *Revista do Brasil* (1916-1944): notas de pesquisa”. In: FERREIRA, Antônio Celso; LUCA, Tânia Regina de; BEZERRA, Holien Gonçalves. (Orgs.). *O Historiador e seu tempo*. São Paulo: Editora UNESP/ANPUH, 2008.

MORAIS, Fernando. **Chatô: O rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOREL, Marco; NEVES, Lúcia Maria P. et. al. (Orgs.) **História e Imprensa: Representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A/ Faperj, 2006.

MOURA, Gerson. **Autonomia na Dependência**. A política externa brasileira de 1935 a 1942. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PEIXOTO JÚNIOR, José Carlos. **A ascensão do nazismo pela ótica do Diário de Notícias da Bahia (1935-1941): um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador, 2003.

PERAZZO, Priscila Ferreira. **O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999. (Coleção Teses e Monografias).

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

SILVA, Heber Ricardo da. **A Democracia Impressa**. Transição do campo jornalístico e do político e a cassação do PCB nas páginas da grande imprensa, 1945-1948. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, Assis, 2008.

SILVEIRA, Joel; MORAES NETO, Geneton. **Hitler/ Stalin: O pacto maldito**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.